

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
17 e 21 de Outubro de 2022
O VENTO NO CINEMA – FAZER VER O INVISÍVEL

LE REPAS DE BÉBÉ / 1895

Um filme de Auguste e Louis Lumière

UNE HISTOIRE DE VENT / 1988

*Um filme de Joris Ivens
e Marceline Loridan*

Argumento: Joris Ivens, Marceline Loridan, Elisabeth D. / *Diretores de fotografia (35 mm, cor e preto & branco):* Thierry Arbogast, Jacques Loiseleux / *Música:* Michel Portal / *Montagem:* Geneviève Louveau / *Som:* Dominique Vieillard / *Com as presenças de:* Joris Ivens, Marceline Loridan, Han Zenxiang, Liu Zhuang, Wang Hong, Fu Dalin e outros

Produção: Capi Films, La Sept, com a participação do Ministério da Cultura de França / *Cópia:* 35 mm, versão original legendada em francês nos diálogos em mandarim e legendas electrónicas em português / *Duração:* 77 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza, 9 de Setembro de 1988 / *Inédito comercialmente em Portugal, onde foi apresentado pela primeira vez em 8 de Março de 1994, na Cinemateca Portuguesa, no âmbito de “Lisboa, Capital Europeia da Cultura”.*

O filme inclui trechos de LE VOYAGE SUR LA LUNE (1902), de Georges Méliès e de LES BRISANTS (1930) e 400 MILLIONS (1938), de Joris Ivens.

Os filmes de um realizador que já chegou à velhice nem sempre são concebidos como “testamentos”, como um balanço e uma afirmação final. O testamento de um cineasta pode ser elaborado na sua penúltima obra, como nos casos de Visconti e Satyajit Ray. A última obra também pode ser um adeus muito consciente ao cinema, embora não um testamento, como no caso de Jean Renoir, que depois de realizar o seu último filme ainda viveria dez anos relativamente ativos, durante os quais escreveu três livros. Mas com **Une Histoire de Vent** Joris Ivens, com a ajuda de Marceline Loridan, fez certamente um testamento, um adeus ao cinema e à vida (ele morreria nove meses depois da primeira apresentação pública do filme, aos noventa anos). Ivens teve inclusive um sério abalo de saúde durante a rodagem (este episódio foi reconstituído no filme) e chegou-se a pensar que não viveria para levar o projeto a cabo.

Como diz um intertítulo no início de **Une Histoire de Vent**, Ivens nasceu num país plano e batido pelos ventos, que sempre lutou para dominar e domar o vento, uma luta que está na origem dos célebres moinhos deste país, a Holanda. Na vizinha Bélgica, Jacques Brel fez uma célebre e belíssima canção sobre este tema, *Le Plat Pays*, em que aos quatro ventos correspondem as quatro estações e quatro aspectos da vida dos homens e do espaço que habitam. Ivens percorreu grande parte do planeta durante a sua longa vida e andou em várias regiões varridas por outros ventos, pelas tempestades políticas do século XX. Para ele, o vento é ao mesmo tempo real e metafórico e neste filme apaziguado, em que ele goza do privilégio da velhice que consiste em não ter de prestar contas a ninguém e nada ter de provar, em que pode seguir o curso da sua fantasia, numa mistura de urgência e paciência, Ivens decidiu filmar o impossível, o vento. Ninguém pode filmar o vento em si, só se pode filmar outra coisa, aquilo que o vento agita (em algum lugar da sua memória, Ivens devia ter a obra-prima cinematográfica de Victor Sjöström sobre o vento, mas o espectador tem a felicidade de esquecer este antecedente quando vê **Une Histoire de Vent**). O vento é a totalidade do espaço do mundo (os *quatro ventos* são os quatro pontos cardeais) e através do tempo ganhou diversos nomes, como se houvesse ventos específicos: bóreas, zéfiro, minuano,

mistral, pampero... Filmar o vento é filmar algo que é maior do que aquilo que se pode filmar, é uma metáfora do próprio ato de filmar, dos seus limites e não limites.

Para filmar o infilmável, este homem muito velho foi para um país velhíssimo, a China, onde tinha estado por diversas vezes (é curioso notar como no fim da vida o rosto deste holandês se parecia cada vez mais ao de um chinês), o país onde foi proferida uma célebre metáfora política em que se fala de vento: *O vento do leste suplantou o vento do oeste...* Ivens, que nos seus começos foi sensível e atento aos aspectos puramente poéticos do cinema (fez um filme sobre uma estrutura metálica e outro sobre a chuva), fez com **Une Histoire de Vent** um filme sobre o filme que queria fazer, um filme sobre alguém que quer filmar o vento. Não um ensaio conceptual, mas uma fantasia *livre como o vento*. E a música foi confiada a um célebre clarinetista, um virtuose de um instrumento de sopro (em francês: *instrument à vent*), um instrumento que transforma o ar em música. Todo o filme estabelece um diálogo entre as forças da natureza e um velho homem, entre o vento e Joris Ivens, entre o vento real e o metafórico. Os primeiros instantes do filme já definem este diálogo, este contraponto. Depois de planos de um avião nas alturas, entre nuvens, temos a imagem das pás de um moinho de vento e um jardim com uma criança: a infância de Ivens na Holanda dos moinhos de vento e, de modo indireto, uma lembrança do personagem de Dom Quixote, pois como todo militante político Ivens teve algo de quixotesco. Do Boeing 747 e dos céus passamos a um jardim e a um avião de brinquedo e daí para um grande plano do rosto de Joris Ivens. Começamos a perceber então que **Une Histoire de Vent** é um filme com duas faces. Numa delas, Joris Ivens tenta filmar o vento. Na outra, Marceline Loridan filma este homem que tenta filmar o vento. É lógico, já que este é ao mesmo tempo um filme sobre Ivens (a quem um historiador de cinema chamou *o holandês voador*) e sobre o vento,

Em **Une Histoire de Vent** Ivens e a sua equipa vão em direção ao lugar ideal para filmar o vento. Este lugar é um deserto, pois lá só existem o ar e a areia. Como numa fábula antiga, os viajantes percorrem um vasto espaço, num périplo que os faz atravessar montanhas, transpor a Muralha da China, encontrar variadas pessoas pelo caminho (e também um personagem mitológico, o Rei dos Macacos, representado por um acrobata mascarado), com obstáculos a vencer ou desvios momentâneos no caminho. Mas nada os impede de prosseguir viagem. Ivens faz digressões sobre velhos mitos chineses e uma digressão pelo próprio cinema, o cinema dos começos, num episódio que podemos considerar como um sonho deste homem que captou tantas imagens. Este episódio é aquele em que Ivens se vê no papel de um dos cosmonautas da maravilhosa **Viagem à Lua** de Méliès, desembarcando sozinho no satélite, onde uma chinesa sentada sobre uma estrela toma o lugar das coristas de coxas à mostra do filme de Méliès. É assim que o cinema dos primórdios, o cinema de transbordante imaginação e fantasia de Méliès, entra no cinema de Ivens, que foi tantas vezes um cinema da demonstração. Ao termo da viagem, como o viajante de um conto da Antiguidade, como um personagem mitológico (coisa que ele era no fim da vida), Ivens chega ao seu objetivo, ao deserto, o espaço mais elementar e despojado que há. O *crescendo* narrativo criado ao longo do filme proporciona ao espectador um pequeno *suspense*: há uma calma, é preciso esperar o vento. O homem que sempre acreditou apenas na ciência aceita a ajuda da magia para fazer com que vento se levante (com um humor sublime, dois pequenos ventiladores vão ajudar a desencadear um vendaval). Esta sequência final é o verdadeiro testamento de um cineasta. Ivens não filmou o vento que lhe surgiu pela frente, fez com que o vento se levantasse, fez da vontade o acaso e Marceline Loridan filmou este extraordinário gesto. Esta história de ventos é a história de um homem e uma bela história sobre o cinema: só podemos ver o vento através do seu reflexo, através daquilo que agita e o cinema só existe através daquilo que reflete. Um círculo se fecha, neste filme aberto aos quatro ventos.

A abrir a sessão, um dos filmes que fez parte da primeira sessão pública de cinema no mundo.

Antonio Rodrigues